

AVE, LUSITÂNIA!

HEITOR STOCKLER

Homenagem a Portugal, na pessoa dos galhardos pioneiros da aviação portuguesa Brigadeiros Sacadura Cabral e Gago Coutinho, pela vitoriosa travessia aérea de Portugal ao Brasil.

Heróica, a Lusitânia ao mundo vai-se impondo.
Sagres perquire o mar... Vagas que vêm e vão...
Umás brancas, de afago, a quebrar sem estrondo,
Outras verdes e más, com fúrias de Titão!

Que haverá para além da linha do horizonte?
A Atlântida lendária? Algum país de fadas?
Desvende-se o mistério! Urge que alguém afronte
A cólera do Oceano, as suas ondas iradas!

E siga, pélagos em fora, à mercê das correntes,
Novo Ulisses que vá para o desconhecido,
Rumo ao norte ou ao sul, a pontos diferentes,
E singre, estude e sonde o trâmite vencido.

Sagres sempre a estudar. A voz de D. Henrique,
Aprestam-se a partir, frágeis navios a vela...
Tripulados, porém, de heróis como os de Ourique
Na batalha campal aos mouros de Castela.

Rijos lócos do mar, paladinos da ciência,
Risonhos de esperança, austeros de coragem,
Levando, por fanal, o valor e a prudência,
Para desvanecer os óbices da viagem.

E assim, numa manhã de névoa, alvissareiras,
Velas pandas no ar, algumas caravelas
Largaram, rumo ao sul e semanas inteiras
Aguardou-se, em temor, quaisquer notícias delas.

E outras e outras, após, por diversos roteiros,
Partiram ao sabor das vagas ignotas.
As flâmulas ao vento e o canto dos gajeiros,
Davam ar de vitória às destemidas frotas.

Eram os Magalhães, os Gama e os Cabral,
Corações de uma pátria, o mar a percorrer,
Das plagas do Ocidente ao confim oriental,
Procurando ancorar e o vago arremeter.

E essa pátria venceu e terras batizou.
Já não era pequena a heróica Lusitânia.
A semente lançada à gleba fecundou
E áureos frutos colheu nas Índias e na Oceânia.

Angola, Cabo Verde, Açores e a Madeira,
Goa, Diu e Damão e Moçambique em frente,
Exaltam, com Macau, a índole guerreira
Do nobre Portugal que soube ser valente.

Depois, a transição, fenômeno normal
Registrado através da existência do mundo,
Na Assíria, Babilônia e Grécia que, afinal,
Restam na tradição, num marasmo profundo.

Esse mesmo destino, ignóbil ironia,
Meu velho Portugal, sôbre ti desabafou,
Mas, graças ao teu sangue e à máscula energia
Sacudindo-te o corpo... O letargo passou.

Nessa fase gerou teu seio soberano,
Perene manancial de beleza e de glória,
Na ciência vencedora e no labor insano,
Nôvo feito imortal para o arquivo da História.

Encarnaste em Coutinho e nesse outro Cabral,
O passado de um povo e o vigor de uma raça,
E ao tocar nossa terra, a tua gaivota real,
Os dois povos irmãos, num vínculo entrelaça.

Tornas, hoje, ao esplendor que, por justo direito,
Deveras ostentar como um símbolo eterno,
Mas com que irradiação, com que grandioso efeito?!...
— Nas asas a ruflar, de um Ícaro moderno!...